

PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. *A Torre Kubitschek: Trajetória de um Projeto em 30 Anos de Brasil*. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura, 1993.

O presente livro foi, originalmente, apresentado como dissertação de mestrado em História Social na Unicamp. Ganhou o XII prêmio *Diogo de Vasconcelos*, o que possibilitou a sua publicação. A autora buscou compreender a partir da história de um conjunto habitacional, o Conjunto Juscelino Kubitschek (CJK), e de sua inserção na capital mineira o “processo que transformou o ‘tempo das ilusões’ em tempo da desconfiança e os sentimentos que se movem em torno desses prédios, na cidade que os abriga e nas pessoas que os habitam” (p. 20).

Idealizado por Juscelino Kubitschek, quando Governador do Estado, e projetado por Oscar Niemeyer, este conjunto foi estudado pela autora em sua trajetória de 30 anos de Brasil. O trabalho, organizado em quatro capítulos, revela o CJK como “síntese de uma realidade contraditória, entre a idéia, nascida num momento fecundo da história do país e de seu povo, e a sua própria história enquanto obra, experiência real vivida por pessoas de outro tempo” (p. 138).

No primeiro capítulo, a análise recai sobre a arquitetura enquanto representação da civilização, símbolo de poder. Ícone da modernização e do pro-

gresso. Os monumentos arquitetônicos, a partir do século XIX, devem ser compreendidos enquanto expressão do poder triunfante da burguesia. A arquitetura moderna, inserida neste processo, é vista como parte das vanguardas do século XX. Sua proposta associa velocidade e uma inovadora relação entre moradia individual e coletiva que a obriga a pensar sobre o espaço urbano. Projeta para o futuro e defende a liberdade de criação e experimentação de novas idéias, independente do sentido político de sua aplicação. A obra de Niemeyer, visto como arquiteto do poder, será, de acordo com a autora, capaz de cumprir esta função simbólica de representar um certo ideal de progresso que, projetando o futuro, questionava a tradição. Belo Horizonte é vista como cidade que deveria ser ao mesmo tempo moderna e tradicional. A quantidade significativa de obras de Niemeyer aí edificadas sob o patrocínio do Estado espelha, para a autora, a “forma como os grupos sociais dominantes comandaram as reformas urbanas e administrativas necessárias à confirmação de sua hegemonia” (p. 39).

No segundo capítulo, Thais Pimentel realiza um apanhado da ideologia nacional-desenvolvimentista.

Destaca o conteúdo simbólico dos anos 50 como “anos dourados”, o papel do ISEB, o crescimento das cidades e o crescente papel do Estado atuando através de uma ideologia de prosperidade, ordem e soberania. A prática autoritária do Estado no comando da economia e sociedade brasileiras pode ser vista na forma como se decidiu a construção do CJK. Tanto o conjunto residencial quanto Brasília têm a forma material do desenvolvimentismo e podem ser vistos como símbolo e síntese desta época, imagem e semelhança do projeto de dominação da fração burguesa dominante, para quem a busca de harmonia social era tão cara. O CJK é apresentado como um “balão de ensaio” revelando a tragédia e glória dos anos 50.

No capítulo três, o leitor poderá acompanhar a história da construção do conjunto. Os empresários envolvidos, a participação e atuação do Estado e dos condôminos, em geral oriundos da classe média. A decisão de realizar o CJK e as críticas e resistências ao projeto são apresentadas como indicadoras da prática populista de poder onde o consenso é obtido *a posteriori*. As dificuldades enfrentadas na realização do empreendimento, a descrença e desmoralização que passaram a envolver o projeto, ocasionadas sobretudo pelos sucessivos atrasos e elevação dos custos, são então abordados. O Estado promotor do desenvolvimento bancará o projeto até 1964.

Mas essa trajetória tortuosa, a demora da execu-

ção e as características mesmas da capital mineira vão fazer deste um lugar de suspeição. A sua proposta inovadora, voltada para o futuro, de um morar coletivo quando consolidada encontra um país que rejeita o coletivismo. A aglomeração de pessoas vistas como perigosa, em especial nos anos 70 quando os apartamentos ficaram prontos, reforça um medo que o local provoca. Trabalhando com dicotomias como o interno – sujo e baderneiro, e o externo organizado e limpo, ou compradores satisfeitos e população assustada e apreensiva, a autora vai mostrando o viver no CJK e o viver numa cidade em expansão. Analisa ainda as transformações implícitas sobre o morar que o projeto trazia e como elas foram sendo alteradas ao longo dos anos e os usos que os prédios tiveram. As fachadas de vidro fazem destes um panóptico ao avesso onde a cidade controla o interior.

A leitura deste trabalho é instigante, pois a partir da análise de um monumento, consegue traçar a história de um país. A autora, num texto que é de leitura fluente e agradável, consegue interligar análises macro e micro revelando na concretude como a cidade se faz na expressão de valores sociais dominantes em granito e concreto. E mostra como a atuação de múltiplos atores interfere, altera e redireciona os monumentos construídos, ruínas virtuais.

A Torre Kubitschek é cicatriz visível da modernidade.

Ana Lúcia Duarte Lanna  
FAU-USP